

CIDADE E CIBERESPAÇO: ESPAÇOS PARA UMA REFLEXÃO DA CONTEMPORANEIDADE

FRAGA DA SILVA, Karina Galli

Jornalista e Mestranda do Programa de Pós-graduação de Estudos da Cultura Contemporânea (ECCO) da Universidade Federal de Mato Grosso

LIMA E GOMES, Icléia Rodrigues de

Professora Doutora e orientadora do trabalho

RESUMO:

Este artigo apresenta uma leitura do ciberespaço enquanto espaço de trânsito entre as pessoas, que por lá transitam em busca de comunicação, entretenimento e (ou) trabalho. A proposta é abordar este aspecto do cotidiano e do contemporâneo na perspectiva teórica de José Machado Pais e Michel Maffesoli, cujos trabalhos destacam a relevância da cidade e do cotidiano enquanto objetos de estudo. Esta reflexão visa problematizar o ciberespaço a partir de observações espontâneas: expressões comportamentais, lingüísticas, imagéticas, que refletem o modo de este espaço se fazer e se dizer. Desta forma, é possível aproximar as metodologias utilizadas para analisar a cidade para analisar também o ciberespaço, essa espécie de “cidade virtual”.

Palavras-chave: ciberespaço, cidade virtual, imagem.

ABSTRACT: This paper presents an understanding of cyberspace as a space of traffic among people, who are searching for communication, entertainment and (or) work. The proposal is to approach this aspect of contemporary and everyday life bearing in mind the perspective of José Machado Pais and Michel Maffesoli, whose work highlight the importance of the city and everyday life as objects of study. This reflection aims to problematize the cyberspace from spontaneous observation: behavioral, linguistics, imagery expressions, which show the way this space speaks itself. By doing so, it's

possible to approximate the methodologies used to analyse the city to analyse the cyberspace as well, this kind of “virtual city”.

Keywords: cyberspace, virtual city, image

O apressuramento da vida nas cidades

O cotidiano, enquanto objeto de estudo, apresenta uma diversidade de fenômenos sociais a ser desvelados. A monotonia dos atos repetidos diariamente e a eterna busca por algo maior nos deixa cegos diante da riqueza e fertilidade deste campo como potencial criador de conhecimento. A proposta da sociologia do cotidiano de estudar o aparente marasmo do dia a dia, de se preocupar com as miudezas do tecido social, do comportamento dos indivíduos tomados isoladamente e também analisá-los enquanto grupo, me parece instigante e em última instância, reveladora. Exige, no entanto, um exercício diário de estranhamento e uma habilidade de observação perspicaz, atenta a detalhes por vezes já incorporados ao imaginário social do “trivial” e “sem atributos epistemológicos”. A questão não é estranhar o espetacular, o exótico, mas se intrigar com o banal.

Segundo José Machado Pais (2010, p.39), o sociólogo do quotidiano “tem de se assumir como um atento observador destas novas realidades, actuando à imagem de um detective decifrador dos enigmas da cidade e do que nela se passa quando nada parece passar-se”. Michel Maffesoli (2008, p.5) entende que a função do pesquisador é ver algo que está ao mesmo tempo oculto e flagrante. Este é o desafio da sociologia do cotidiano, “revelar a vida social na textura ou na espuma da aparente rotina de todos os dias” (PAIS, 2003, p.3)

Nessa perspectiva, a análise da cidade pode produzir inquietações e, a partir destas, é possível criar uma leitura desse espaço. Leitura essa que se constrói através de fragmentos da cidade, de pequenos gestos, olhares, movimentos, que nos conduzem ao todo complexo. O insignificante, o frívolo e o banal, tudo merece atenção. A proposta da metodologia do formismo de que fala Maffesoli abarca esses aspectos. “Pode-se imaginar que cada fragmento é em si significativo e contém o mundo na sua totalidade. É esta a lição essencial da forma. É isto o que faz da frívola aparência um elemento de escolha para compreender um conjunto social” (MAFFESOLI, 1996, p.141).

Pais se debruçou na análise da cidade e explorou a desordem e o caos para descobrir os sentidos que irrigam o corpo social: “o caminhar pela rua, trocar idéias, dizer bom dia, estar na fila da espera de um estacionamento, tomar um cafezinho” (2003, p.48), são esses fatos anônimos que constituem o social e dão sentido à existência. Uma das leituras da cidade propostas pelo autor está relacionada à velocidade da vida urbana em detrimento dos relacionamentos pessoais. As “dolências e indolências” da cotidianidade fariam da metrópole um lugar cujo lema seria cada vez mais “dar nas vistas e não dar ouvidos”. Ou seja, o paradigma da lentidão que caracterizava as sociedades arcaicas dá lugar ao paradigma do encontro¹ nas sociedades modernas, cujo resultado é o esgotamento nervoso e a fadiga mental dos indivíduos.

O encontro, explica o autor, retrata o sentido de ir contra ou em contra alguém. A etimologia da palavra, derivada do latim *incontra*, remete para a descoberta, mas também para o choque. O apressuramento da vida urbana e a eterna falta de tempo seriam tentativas de explicar a proeminência do olhar na modernidade. O corre-corre diário nos faria assumir uma postura indiferente em relação aos demais, e a escuta não seria contemplada. “Hoje, com o apressuramento da vida, as orelhas moucas fogem dos contadores de histórias, não há tempo para as memorizar nem para as recriar nos confins da recordação” (PAIS, 2010, p.40). Esse comportamento, para o autor, seria visível em todas as esferas da sociedade: em casa, na rua, no trânsito, no trabalho. Não há tempo para ouvir o outro. Simmel havia comparado o ritmo de vida na metrópole com a vida rural e havia constatado um ritmo mais lento, mais calcado nas relações afetivas:

A metrópole exige do homem, enquanto criatura discriminadora, uma quantidade diferente de consciência que aquela que lhe é exigida pela vida rural; aqui o ritmo da vida sensível e mental flui mais uniformemente, segundo um ritmo mais lento, feito sobretudo de hábitos. É assim que o caráter intelectualista da vida mental urbana se torna compreensível – em contraste com a vida das pequenas cidades, que assenta mais no sentimento e nas relações afectivas. (SIMMEL, 2004, p.76)

A hiperatividade das crianças, o desgaste dos pais, a intolerância dos motoristas: fenômenos sociais decorrentes do paradigma do encontro.

A cidade é uma rica arena de acontecimentos que se repetem diariamente sem serem notados. Questões micro são refletidas no macro e traduzem formas de pensamento, estilos de vida e de uma época. Ao pensarmos a cidade atual no contexto

¹ O autor localiza este evento em finais do século XIX (PAIS, 2010, p.50)

de desenvolvimento das tecnologias digitais da informação e comunicação, é possível afirmar que a cidade se virtualizou. E isso pode ser visto em várias áreas: na economia, com as trocas mercantis ocorrendo *on-line*, na política, com a opção de acompanhar os gastos públicos e a atuação governamental pela internet, como nos portais da transparência, e na vida social, com as relações se dando no âmbito virtual dos blogs, chats, e sites de redes sociais.

Diante deste cenário e confrontando o entendimento de José Machado Pais sobre o ritmo de vida na cidade, há uma inversão dos paradigmas anteriormente citados proporcionada pela internet², que já faz parte do dia a dia de dois bilhões de pessoas³.

O elogio à lentidão do ciberespaço

A inversão dos paradigmas propostos por Pais acontece porque no ciberespaço, o espaço de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores, no dizer de Pierre Lévy, a noção de tempo e espaço é outra: visitando páginas e páginas, linkando hipertextos que conduzem a novas telas, com vídeos, fotos, textos, entrando em contato com pessoas (des) conhecidas etc, a expressão espaço-temporal não se apresenta linearmente, mas numa outra dimensão, a de um círculo ou de um ciclo. Essa é a característica marcante deste espaço, rizomática por excelência, “que conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza, põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos” (DELEUZE;GUATARRI, 2006,p.32).

É nesse espaço multiterritorializado que o vitalismo pós-moderno se apresenta com força. Interligados por cabos de fibras óticas, os internautas apreciam cada instante: os games, os chats, os blogs, os vídeos, as fotos, tudo tem sentido nesse estar-junto para nada. Um nada que não é físico, mas como lembra Maffesoli, “toca o outro”. Nesse contexto, o que se quer não é apenas “dar nas vistas”, como proposto por Pais enquanto

²Optou-se pela grafia de internet com letra minúscula, por entender que esta palavra é um substantivo comum, não um nome próprio. Cf. MARKHAM e BAYM 2009, p.VII apud FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p.23)

³De acordo com a União Internacional de Telecomunicações (UIT), havia 250 milhões de usuários de internet em 2000. Em 2011, esse número ultrapassou os dois bilhões. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/01/numero-de-usuarios-de-internet-no-mundo-alcanca-os-2-bilhoes.html>. Além disso, em 2011, de cada 100 habitantes, 32, 5 eram usuários da internet, segundo o Relatório de Metas de Desenvolvimento do Millenium das Nações Unidas. Disponível em: < <http://mdgs.un.org/unsd/mdg/SeriesDetail.aspx?srid=608&crd=>>. Acesso em 10 de julho de 2012.

lema do paradigma do encontrão. Além de ser vistos, os transeuntes do virtual querem ser escutados.

As frases do perfil dos sites de redes sociais, os vídeos postados, os blogs, todos querem ser escutados, compartilhar as alegrias, tristezas, emoções, só para se sentir vivos e comungarem do mesmo divino. São essas práticas, que parecem desprovidas de sentido, que fazem com que o tempo se imobilize para os participantes da festa virtual. A lentidão marcante de um tempo arcaico retoma vigorante e “hoje vemos despontar um elogio da lentidão, incluindo a ociosidade. A vida não é mais que uma concatenação de instantes imóveis, de instantes eternos, dos quais se pode tirar o máximo de gozo.” (MAFFESOLI, 2003, p.8).

Maffesoli trata desse tempo. O tempo das tribos⁴. Essa nova socialidade⁵, diferentemente do que prevaleceu nos anos 70, diz o autor, se trata menos de se agregar a um grupo, a uma família, ou a uma comunidade do que o ir e vir de um grupo a outro. “Contrariamente à estabilidade induzida pelo tribalismo clássico, o neotribalismo é caracterizado pela fluidez, as reuniões pontuais e a dispersão” (MAFFESOLI, 1998, prefácio). Se antes a identidade era fixa e condicionava o sujeito a ser uma coisa ou outra, na pós-modernidade é possível ser uma coisa e outra. Isso possibilita a dinâmica de entrada e saída das tribos sem nenhum prejuízo. Fala-se menos em identidade e mais nos processos de identificação. Neste sentido, o princípio da individualização está superado.

A socialidade de que fala o autor pode ser vista na internet, mais especificamente em sites de relacionamento. Fugindo para novas formas de estar-junto, os internautas encontram força agregadora para transgredir, viver intensamente o instante lúdico e onírico e assim se desprender de uma vida toda planejada. A ruptura de uma linearidade, própria da vida urbana, permite fundar algo novo e se desterritorializar. O nomadismo, a errância que caracteriza a pós-modernidade possibilita liberdade de não estar preso a uma identidade fechada sobre si mesma, mas de ser duplicidade, de ir e vir por tribos das quais me identifico. Nesse sentido, só temos

⁴A noção de tribo proposta pelo autor não está relacionada à visão antropológica clássica do termo. Diferentemente da estrutura mecânica da sociedade moderna, onde a organização dos indivíduos se dá a partir da função de cada um e as classes se apóiam numa lógica de identidade, a metáfora da tribo empregada por Maffesoli trata do processo de desindividualização, da saturação da função e da valorização do papel que cada pessoa (persona) representa dentro de uma estrutura orgânica, onde tribos afetuais e não grupos contratuais interagem. O neotribalismo pratica uma solidariedade orgânica que vai de encontro à solidariedade mecânica racional.

⁵Maffesoli distingue a sociabilidade simples, relativa à polidez, aos rituais, civilidade, vizinhanças à socialidade mais complexa relativa à memória coletiva, simbólica, ao imaginário (1996, p.160)

valor pelo fato de pertencermos a um grupo e pouco importa se esta ligação é real ou fantasmática.

O ideal moderno⁶ que preconizava a organização racionalista da sociedade a partir de uma cultura científica, calcada na capacidade de planejar e antecipar o futuro promoveu um desencantamento do mundo. Essa crise das grandes narrativas – Estado, nação, utopia – abriu espaço para o cotidiano e suas micro-narrativas. Nele, a vida “sem qualidade” e os vínculos sociais começam a fazer sentido e ser aceitos enquanto estilo de vida. O destino, o caos, são incorporados e dão vez a uma “tragicidade” nietzschiana própria do aqui e agora, que valoriza o presente como fonte de prazer. Segundo essa concepção, há uma integração da morte, um viver a morte todos os dias. Do amanhã não se sabe e nem há projetos para ele. A idéia do *carpe diem* ilustra essa noção do presenteísmo.

O drama moderno nos faz culpar a nossa incapacidade de gerir o tempo, de fazer bom uso dele. Vivemos justificando o que fazemos agora – o tempo que perdemos com algo que não apreciamos, por exemplo – por entender que no futuro as coisas serão diferentes. Como afirmou Pais acerca das cidades, “nas filas de trânsito, por exemplo, o desespero da espera significa uma valorização do tempo futuro em detrimento do tempo que passa. Ocorre, então, o sacrifício do presente, cuja outra face pode ser a alienação de si mesmo” (PAIS, 2010, p.32). Tudo está calcado sobre o drama existencial ou político, ou seja, sobre um processo de educação que conduz à autonomia individual e ao contrato social. Em oposição a esse drama, o trágico desponta como característica contemporânea que permite viver e aceitar intensamente o presente sem se preocupar com o futuro.

A raiva calma do presente, o desejo de viver sem se preocupar muito com o futuro é, certamente, a modulação contemporânea dessa constante antropológica que é o trágico. O que será feito amanhã pouco importa, posto que podemos gozar, aqui e agora, o que se apresenta: um belo acontecimento, uma paixão amorosa, uma exaltação religiosa ou a serenidade do tempo que passa. (MAFFESOLI, 2003, p.47)

⁶Maffesoli, diferentemente de Pais, trata da pós-modernidade e não da modernidade. Para ele, a grande mudança de paradigma entre os dois "tempos" seria a passagem de um mundo egocentrado para outro *locus* centrado. No primeiro caso – a modernidade que se acaba-, a primazia é concedida a um indivíduo racional que vive em uma sociedade contratual; no segundo – a pós-modernidade nascente -, o que está em jogo são grupos, “neotribos” que investem em espaços específicos e se acomodam a eles. (MAFFESOLI, 1998, p.8)

Essa é a lição do mito dionisíaco, figura emblemática que cristaliza o vitalismo proteiforme, o amor pela natureza, a busca das paixões borboleteantes a ética do instante enquanto centralidade da vida, o desejo de aproveitar o aspecto efêmero das coisas, reconhecendo o imprevisível, e aceitando-o num movimento transcendente que não tem necessidade de objetivo exterior e distante para dar o melhor de si.

A concepção cíclica do tempo que constitui a vida corrente de nossas cidades, segundo Maffesoli, não obedece à linearidade mecânica do tempo cronológico, do rigor imediatista do “tudo deve ser entregue à mão” ou ser “entregue na hora”, “chegar em cima da hora” (PAIS, 2010, p.31). Há na dinâmica circular, espiralada, um movimento cíclico que faz referência a um tempo mítico, um tempo de contos e lendas. A volta do arquétipo, os usos e costumes, os mitos e os ritos nos remontam ao que propunha a sociedade pré-moderna e é possível que seja isso o que retome importância na pós-modernidade. “Ao linearismo seguro da história sucede o ciclo, ou a espiral, do destino (MAFFESOLI, 2003, p.10). Na frente da tela do computador, o tempo passa sem que nos demos conta. É difícil sair dali, deixar esse espaço lúdico que nos coloca diante do grupo da qual pertencemos e nos permite viajar nas ondas da rede. É possível estar ali e aqui ao mesmo tempo: conversar, aprender um idioma, conhecer novos lugares, novas pessoas, fazer compra. E é por isso que há uma valorização desses momentos, pois são eles que conferem presença à vida. Essas características são ainda depreciadas ou marginalizadas pelos que defendem um ponto de vista estritamente racionalista.

O deslocamento de importância que está ocorrendo, de uma ordem social essencialmente mecanista para uma estrutura complexa, a dominante orgânica, substitui a História linear pelo mito redundante. São as histórias particulares que interessam e que permitem às sociedades uma perdurância, uma vez que a vivência individual se inscreve em um conjunto que só tem valor porque participa de um todo. É a partir do local do território, da proximidade, que se determina a vida de nossas sociedades.

Ao contrapor o arcaico ao moderno, Pais (2010, p.64) diz que “os modos de vida encontravam-se fortemente estruturados em função de uma pertença rígida de classe social. Hoje, as assimetrias e desigualdades sociais persistem mas os estilos de vida são menos rígidos. Os modos de vida tendem para a individualização”. Contrariamente à ideia da individualização, Maffesoli vê na contemporaneidade a criação de uma alma coletiva, na qual as atitudes, as identidades e as individualidades se apagam. Ele diz que toda vida individual é limitada e é essa limitação que permite existir no grupo. A vida em grupo permite-nos, portanto, sentir-se em correspondência com os outros. A volta do

arcaísmo, por outro lado, é o que caracteriza a pós-modernidade: “Sinergia do arcaísmo e do desenvolvimento tecnológico. É a única definição que me permite dar conta da pós-modernidade” (MAFFESOLI, 2003, p.10).

Onde dominava a separação, a distinção, a autonomia, tende a reinar a reversibilidade, a mistura, a heteronomia. O que faço só tem sentido na e pela comunhão com os outros. São eles, inclusive, que escolhem a minha roupa, meu estilo, meus gostos. O reconhecimento de uma lógica de conjunção (e...e), no lugar de uma outra da disjunção (ou...ou) é marca deste tempo. O que prevalece aqui não é mais a produção, o trabalho, mas sim um querer viver. “Essa insignificância das ações humanas, esse sentimento de precariedade e de brevidade da vida se expressam, mais ou menos conscientemente, no trágico latente ou no hedonismo ardente, próprios deste fim de século” (MAFFESOLI, 2003, p.23). O estilo de vida própria da pós-modernidade é hedonista, estético e místico. As preocupações com o urbanismo, lazer, relações de vizinhança valorizam muito o espírito, a dimensão estética e imaterial. São esses elementos que servirão de matriz da vida social.

O consumo não é mais simples, mas envolve uma intensa consumação. Essa sociedade de consumação é mais perceptível, por exemplo, nas práticas juvenis que quer tudo e de imediato. O manejo de imagens pelo consumo atribui sentido aos objetos. No caso do vestuário, é ele que diferencia os grupos – tribos- sociais, cada qual com o seu estilo. Pais, de certa forma, apresenta as tribos juvenis enquanto exemplos de rompimento com o anonimato das cidades. Segundo ele, pelo modo excêntrico como se vestem e dão nas vistas, elas se impõem enquanto estilo de vida. E são exceção diante da vida pública que deixou de se expressar como estilo de vida. “A cidade passou a ter muitos modos de vida sem estilo” (Pais, 2010, p.64)

As imagens na cidade virtual

Mencionei, anteriormente, a relação entre o lema da modernidade proposto por Pais “dar nas vistas e não dar ouvidos” com a lógica do ciberespaço. Tomando, analogicamente, o ciberespaço enquanto cidade virtual, onde transitam cada vez mais internautas, o “dar nas vistas” seria o estar-junto, a maneira de ser visto e aparecer em meio à multidão. Por meio de fotografias, por exemplo, a pessoa se faz presente naquele território, ela cria um corpo que a identifica na tribo, tomando a noção de Maffesoli, o qual só tem sentido dentro da coletividade. Ao invés do anonimato, o que se busca é a

exibição, o desejo de se mostrar para o outro. Esse autor sublinha a pertinência da imagem enquanto agregadora social e revela outro sentido acionado por meio dela: o tátil. A imagem me possibilita tocar o outro, tal a sua função emocional. Porém ao invés de se limitar à visão, o ciberespaço propõe uma audição. E é nisso que distanciam as duas cidades: enquanto uma dispensa o ouvir, a outra o deseja.

Limitando esta reflexão aos chamados sites de redes sociais, entre eles *Facebook* e *Orkut*, sendo aquele o maior álbum online da história, com mais de 300 milhões de fotos⁷, e observando a profusão de imagens publicadas ali diariamente, alguns dados chamam atenção. Em recente pesquisa feita nos Estados Unidos⁸, 1.605 mulheres foram entrevistadas a respeito do uso de mídias sociais. No caso do *Facebook*, 34% delas disseram que checar a conta no site é parte da rotina e vem antes mesmo de escovar os dentes. Aproximadamente 40% se auto descrevem “viciadas” no *Facebook*. A pesquisa ainda revelou que 26% das mulheres entre 18 e 34 anos levantam no meio da noite para verificar se receberam mensagens.

A necessidade de ouvir o outro, de saber dos comentários alheios e interagir com eles, exemplifica a dinâmica pós-moderna do estar-junto à toa. Nesse tipo de virulência do cotidiano, os internautas sentem-se em correspondência com os outros e participam com os outros de um complexo maior. Ao postar uma foto, um vídeo, ou simplesmente escrever uma frase no perfil – do blog, site de relacionamento, microblog, chat – o faço esperando uma correspondência do meu grupo, por meio de comentários ou de atos que evidenciam que eles apreciaram a minha atitude. Maffesoli recorre à expressão da “ética da estética” para situar esse momento no qual o laço social torna-se emocional. As relações tornam-se animadas por e a partir do que é intrínseco, vivido no dia a dia de um modo orgânico. Elaborar-se, então, um modo de ser onde o que é experimentado com outros será primordial. As tribos reforçam um sentimento de pertença e favorecem uma nova relação com o ambiente social.

Ao invés de falar em identidade, propõe-se identificação: esta põe em cena pessoas de máscaras variáveis que atribuem sentido aos sistemas emblemáticos com que se identificam. “Este poderá ser um herói, uma estrela, um santo, um jornal, um guru, um fantasma ou um território, o objeto tem pouca importância, o que é essencial é o ambiente mágico que ele segrega, a adesão que suscita” (MAFFESOLI, 1996, p 18-19)

⁷The Facebook blog. Disponível em: <<http://newsroom.fb.com/content/default.aspx?NewsAreaId=19>>. Acesso em 5 de jul. de 2012.

⁸A pesquisa foi conduzida pelas empresas americanas Oxygen Media e Lightspeed Research em 2010.

A noção de máscara abriga a figura arquetipal representando uma imagem, um corpo que engendra comunicação, pois está presente, ocupa espaço, é visto e favorece o tátil. No contexto do virtual, onde a proliferação de imagens é de certa forma caótica, a aparência configura um elemento importante na constituição de um perfil ou de um avatar. Em “No fundo das aparências”, Maffesoli explica que a preocupação com a aparência é mais do que uma simples superficialidade sem conseqüências. Inscreve-se num vasto jogo simbólico e exprime um modo de tocar-se, de estar em relação com o outro. São os adornos e as diversas formas de valorização do próprio corpo que fundam o corpo social e que servem de abrigo à pessoa, atrás do qual é possível esconder-se, esquivar-se e proteger-se das agressões da vida em sociedade.

Copiando a dialética simmeliana da “ponte e da porta”, da ligação-desligamento, pode-se dizer que a acentuação do corpo, da imagem, da aparência conformista na pós-modernidade conduz a uma aparição-desaparecimento. Aparição do próprio corpo e desaparecimento no corpo coletivo. (MAFFESOLI, 1996, p. 182)

A análise do ciberespaço enquanto cidade virtual se insere numa lógica de prolongamento da cidade física sob um olhar contemporâneo. Logo, é necessário decifrar as imagens que se revestem de sentido na cidade. Para Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p.54), ao especificar a internet como universo de observação implicitamente damos abrigo à idéia de uma ruptura entre o que está ou acontece “dentro” da rede e o mundo “fora” dela, um risco quando se pesquisa esse ambiente.

Conforme Pais (2010, p.39) “há que se ensaiar uma arte de pensar a cidade através das imagens”. Maffesoli (1996, p.165) também partilha desta visão. No seu dizer, os diversos jogos da aparência inscrevem-se num vasto sistema simbólico cujos efeitos sociais estão longe de ser desprezíveis. Desse modo, a maneira como me apresento no ciberespaço, o que mostro e o que deixo de mostrar revelam muito de mim, do meu mundo. Ao abrigo dos códigos, dos rituais ou jogos das aparências tribais, posso crescer e exprimir minhas diversas potencialidades. É disso que trata a “temática do véu”.

O véu deixa ver e mascara, ao mesmo tempo. A casa, o padrão social, a família, o carro novo, o amor, as amizades, o que se mostra e o que não se deixa ver nos sites de relacionamento ilustra bem essa questão. Para os que fazem parte da mesma comunidade, o véu acentua o que merece ser visto. Ao mesmo tempo, protege contra a indiscrição do olhar exterior. É por isso que no caso dos sites de redes sociais há uma

opção de privacidade quanto ao estranho. Posso me deixar ser vista ou optar por me socializar somente com a minha tribo.

É essa teatralidade da vida cotidiana que merece atenção enquanto vetor de conhecimento, enquanto alavanca metodológica relevante para a compreensão da estrutura orgânica. Foi este aspecto social que motivou Erving Goffman a estudar as questões simbólicas que envolvem a interação. Suas considerações acerca da “representação” e da “performatividade” dos indivíduos em sociedade e as discussões sobre as interações humanas como orientadas por estratégias de “elaboração da face” parecem meios de se estudar a projeção de imagens na internet. As noções de “linha e face” expressam como as interações humanas se caracterizam e o valor social atribuído a elas.

A linha “é um padrão de atos verbais e não-verbais pelos quais a pessoa expressa a sua visão da situação e através disso sua avaliação dos participantes, especialmente de si mesma” (GOFFMAN, 1982, p.5). e a face constitui-se como uma imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados. As regras fundamentais de interação, para o autor, seriam a preocupação com a manutenção da própria face e a preocupação com a manutenção da face do outro.

As chamadas “comunidades” nos sites de redes sociais e as opções de apresentar um perfil contando um pouco sobre si, do que gosta, o que consome e o que pensa, se insere na lógica do pertencimento a um corpo coletivo, a uma tribo. Tudo o que faço dentro daquele espaço só adquire sentido por fazer parte de algo maior, o que me dá suporte e me legitima enquanto representante do todo.

A liberdade do ciberespaço permite a incorporação de diversas máscaras – personas, o que simboliza a pluralidade de cada um. Ao entrar numa sala de bate-papo, ao criar um perfil ou um avatar, posso ser quem eu quiser. Oculto a minha identidade real para dar sentido a uma forma de pertencimento no coletivo. “Essa é a grande diversão do paganismo, a da pluralidade das coisas que faz envelhecer o espírito de seriedade de todos os sistemas, quaisquer que sejam, da sociedade programada” (MAFFESOLI, 2003, p.10).

O coletivo, dentro da lógica do ciberespaço, é o aspecto de mais um modismo que aproxima os internautas: os sites de compra coletiva. Neles, grandes ofertas são disponibilizadas durante um curto intervalo de tempo e a compra só é efetuada se muitas pessoas se interessarem pelo mesmo produto. A dinâmica desses sites só tem sentido no coletivo. E cada qual que compra uma oferta o faz dentro de um princípio de não ser

mais o próprio indivíduo isolado, mas partilhar das coisas, entre o mundo e os outros. A oferta só vale por algumas horas, portanto, não há tempo de planejar a compra. Há, em tudo isso, um ambiente de descuido que não favorece o cuidado pelo amanhã, mas, ao contrário, um desejo de viver o presente. O consumo, dentro dessa perspectiva, não diz respeito apenas à exaustão de bens materiais, mas tem uma dimensão física e emocional e por isso fala-se em *consumição*⁹ – o prazer que consome o corpo no ato da compra.

Reflexões (in) conclusivas

É importante fazer algumas considerações acerca das demarcações temporais ao longo do texto. De maneira geral, o texto buscou assinalar algumas práticas contemporâneas, sobretudo as relacionadas ao campo virtual, que atravessam o tempo presente e imprimem novo olhar acerca dos processos sociais. A dialética modernidade/pós-modernidade é apenas um olhar que estabelece parâmetros para tal observação, mas não se pretende aqui problematizar as inúmeras definições para ambos os termos. Sabe-se, entretanto, que o segundo não designa somente um tempo posterior ao primeiro. Na análise de Featherstone não há, até agora, nenhum significado consensual para o termo “pós-moderno”. O termo, no entanto, é relevante para um leque amplo de práticas artísticas e disciplinas nas humanidades e ciências sociais porque dirige nossa atenção para mudanças que vem ocorrendo na cultura contemporânea.

Não obstante as diferenças entre os principais autores, José Machado Pais e Michel Maffesoli, principalmente no que diz respeito à ideia da individualização X coletivização e a questão do tempo nas sociedades contemporâneas, ambos os sociólogos convergem em vários aspectos. Dentre eles, a acentuada ênfase no cotidiano enquanto aporte epistemológico e a presença do corpo enquanto veículo midiático gerador de sentidos e do imaginário. Os dois autores, cada qual a seu modo, moldam o tecido social e em várias passagens de seus textos, o que se percebe é uma proximidade de ideias escritas com termos diferentes. Entre elas, uma, que a meu ver confunde o leitor e o incita a descobrir a sua autoria:

A vida não nos pertence por inteiro, uma vez que os outros formam parte de nós, numa relação espelhada em que esses outros se projetam em nós quando neles nos projetamos. O mito do eu só faz sentido frente ao outro. Então

⁹Barbosa e Campbell (2006, p.22) explicam que no final do século XIX e início do século XX utilizava-se o termo *consumption* para se referir à tuberculose, uma doença do pulmão que “consumia” as forças e o organismo das pessoas.

pergunta: que significa saber e aprender quando a formação desconsidera a experiência cotidiana, assim como os imaginários sociais que a orientam ou a desorientam, ou a consciência histórica de memórias compartilhadas, ou ainda as teias de alienação que suscitam um alheamento ou uma relação conflituosa e neurótica em relação aos outros? (PAIS, 2010, p.67)

Em suma, o que pretendo destacar com a relação cidade/ciberespaço é a importância desses espaços enquanto meios por onde transitam imagens. Imagens que incitam discussão e que possibilitam leituras uma vez que a cidade, tomada aqui no seu sentido real e virtual, não é apenas um lugar para habitar/transitar é também para imaginar. E é nesse aspecto que se encontra o fantástico de uma cidade: nas fantasias que a habitam, nos imaginários que ela desprende (PAIS, 2010, p.79). Ao invés de conceber o ciberespaço como uma dimensão espetacular, hiper-real e encantada, um mundo à parte do real, faz-se necessário integrar os âmbitos *on-line* e *off-line* de modo a conferir à pesquisa a fidedignidade dos fenômenos sociais que se prolongam na internet. Barbosa e Campbell tratam, analogicamente, de como os shoppings são, em muitas pesquisas, reduzidos a espaços encantados e enfatiza um outro lado ignorado por alguns teóricos

(...) faz-se necessário levar em conta as novas formas de sociabilidade, de comunicação e de relação com a subjetividade e com a cultura material que se desenrolam no seu interior e que são inteiramente ignoradas. Há uma grande diferença entre perceber o espetáculo e o encantamento como partes de certos ambientes e atividades e reduzir as idas ao shopping e o próprio shopping a uma permanente aventura em um mundo de hiper-realidade, no qual as pessoas e suas respectivas racionalidades e subjetividades se encontram anuladas (BARBOSA; CAMPBELL, 2006, p.12)

A mesma abordagem aponta caminhos férteis quando se pesquisa o ciberespaço. Nessa perspectiva, assim como na vida urbana, a vida virtual pode ser interpretada através das imagens projetadas, das aparências. Portanto, antes de criticar e de descartar as aparências para uma investigação aprofundada é fundamental questioná-las. Pois, como afirmou Maffesoli (1996, p.57), “para ser a vida deve parecer”, independentemente do espaço.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo. 34, 2006.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura do consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995. Trad. Julio Assis Simões.

FRAGOSO, Sueli; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para a internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GOFFMAN, Erving. **Interaction ritual: essays on face-to-face behavior**. New York: Pantheon Books, 1982.

G1. **Número de usuários de internet no mundo alcança os 2 bilhões**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/01/numero-de-usuarios-de-internet-no-mundo-alcanca-os-2-bilhoes.html>>. Acesso em 10 jul. 2012

LÉVY, Pierre. **O que é o Virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996

MAFFESOLI, Michel. **A terra fértil do cotidiano**. In : Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, Vol. 2ª, No 36 (2008), p.5 Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4409>
Acesso em 02/05/2011

_____. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. São Paulo: Zouk 2003. Trad. Rogério de Almeida, Alexandre Dias.

_____. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2ª Ed., 1998. Trad. Maria de Lourdes Menezes.

MINIWATTS MARKETING GROUP. **Internet usage Statistics**. The Internet Big Picture, World Internet Users and population Stats. Disponível em: <<http://www.internetworldstats.com/stats.htm>>. Acesso em 01/05/2011.

MILLENNIUM DEVELOPMENT GOALS INDICATORS. **Internet users**. Disponível em: < <http://mdgs.un.org/unsd/mdg/SeriesDetail.aspx?srid=608&crld>>. Acesso em 10 jul. 2012

PAIS, José Machado. **Lufa-lufa quotidiana: ensaios sobre a cidade, cultura e vida urbana**. Lisboa. Imprensa de Ciências Sociais, 1ª Ed. 2010.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

SIMMEL, Georg. **As metrópoles da vida mental**. In: Fidelidade e Gratidão e outros textos. Lisboa: Antropos, 2004. Trad. Maria João Costa Pereira.

THE FACEBOOK BLOG. Disponível em: < <http://newsroom.fb.com/content/default.aspx?NewsAreaId=19>>. Acesso em 5 jul.2012